



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais –
Fatecs

MILENA OLIVEIRA DA SILVA

CARTA CAPITAL E VEJA: NAS ENTRELINHAS DO DISCURSO SOBRE O MST

Brasília

2017

MILENA OLIVEIRA DA SILVA

CARTA CAPITAL E VEJA: NAS ENTRELINHAS DO DISCURSO SOBRE O MST

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro Universitário de Brasília, como requisito para a obtenção do título Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Prof. Dra. Sandra Araújo de Lima da Silva

Brasília

2017

MILENA OLIVEIRA DA SILVA

CARTA CAPITAL E VEJA: NAS ENTRELINHAS DO DISCURSO SOBRE O MST

Trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do UniCEUB – FATECS. Orientado pela Prof. Dra. Sandra Araújo de Lima da Silva.

Brasília, 22 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Sandra Araújo de Lima da Silva – Orientadora

Prof. Me. Frederico Castilho Tomé – Examinador

Prof. Dra. Cíntia da Silva Pacheco - Examinadora

RESUMO

A mídia ajuda na formação da opinião pública, saindo em vantagem nesse quesito os grandes veículos de comunicação. A análise do discurso sobre as publicações que relatam acontecimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) possibilita entender, em suas entrelinhas, quais são os aspectos que cada veículo deseja transmitir ao leitor. E são por meio desses veículos de comunicação que pode-se ver a grande diferença nos discursos usados para noticiar casos que envolvam o MST. As revistas utilizadas na análise serão a Carta Capital e a Veja, uma vez que ambas possuem um viés bastante distinto quanto às notícias sobre o movimento. As reportagens estudadas que se contrapõem ao movimento dos trabalhadores acusam sobre sua existência. O interesse em realizar a análise discursiva surge a partir dessa característica: a falta de imparcialidade e objetividade devido ao viés político que cada veículo carrega em si. O conteúdo é marcado também pela trajetória de grandes ocupações, porém esses grandes acontecimentos não servem como justificativas para que notícias, cada vez mais, criminalizem o movimento, com discursos de ideologias e termos expressivos.

Palavras-chave: MST. Análise do discurso. Criminalização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais pela luta e dedicação, pois sem eles eu não teria chegado até aqui. À querida professora Sandra Araújo, pela paciência, por toda atenção e pelos momentos em que me fez acreditar no meu potencial. Ao meu amor, que esteve comigo e me apoiou em todo momento.

Muito obrigada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 PRIMEIRA TENTATIVA DA REFORMA AGRÁRIA	8
1.1 Quando começou o Movimento dos Sem Terra.....	9
1.2 Projeto de escola itinerante do MST	10
1.3 Escola Nacional Florestan Fernandes	12
1.4 Mulheres na luta por representatividade na reforma agrária	13
1.5 O MST na atualidade.....	15
2 DISCURSO E REPRESENTAÇÃO	17
2.1 Práticas do Discurso e Comunicação	20
2.2 Discurso e Linguagem não verbal.....	24
2.3 Linguagem não verbal no Jornalismo	25
3 A IMAGEM DO MST NO EDITORIAL DA CARTA CAPITAL E VEJA	29
3.1 Veja	29
3.2 Carta Capital.....	29
3.3 As entrelinhas das reportagens da Carta Capital e Veja.....	30
3.3.1 Coluna de Augusto Nunes da Veja e um relato da Carta Capital.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar o discurso das matérias das revistas Carta Capital e Veja online sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra (MST), tendo como objeto da análise as ocupações de terra realizadas pelo movimento e a invasão policial à Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF).

Deste modo, o seguinte trabalho tem o objetivo de analisar cada informação que a notícia traz em suas entrelinhas e também demonstrar como cada veículo de comunicação escolhido utiliza o discurso sobre a imagem do MST, se existe por trás de cada texto uma criminalização do movimento social. Questionar os conceitos e termos usados por cada autor dos textos analisados, o porquê que um veículo usa o termo “invadir” e o outro “ocupar”, qual sentido cada palavra atribui à formação discursiva do MST. A representatividade que os personagens dispõem para cada notícia, quais são os fatores positivos e negativos quanto a essas escolhas que o repórter busca ao contexto final. Assim, questionar sobre o MST ter um peso diferente na grande mídia, e o motivo pelo qual através da mídia o movimento tem uma representação controversa do seu verdadeiro sentido.

Como metodologia foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a análise do discurso, com ênfase nos textos jornalísticos e de comunicação, e história do MST. Quais as características – valores, interesses e poder - que marcam os conteúdos jornalísticos e como a mídia influencia os movimentos sociais positivamente e negativamente, além de entender como autores avaliam as questões de análise do discurso.

O referencial teórico foi fundamentado por meio da trajetória do MST, que iniciou-se em 1984, o qual apresenta seu projeto de educação e luta das mulheres por representatividade no movimento. E a análise do discurso sobre sua representação na mídia e qual seu verdadeiro propósito. Como base teórica, foram utilizados autores como Eni Orlandi, José Luiz Fiorin e Michel Pechêus, já que não é possível falar sobre análise do discurso sem mencioná-los. Para falar sobre a história do MST, foram utilizados autores como Maria da Glória Gohn, Bernardo Mançano Fernandes e Mitsue Morrisawa, que dialogam sobre a questão dos

movimentos sociais e do movimento do sem-terra, devido à sua grande representação na história dos movimentos sociais.

O trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro responsável pela apresentação do MST, desde seu nascimento, trajetória histórica e projetos conquistados. O segundo capítulo apresenta um breve histórico sobre a análise do discurso e as práticas do discurso, com isso, foi apresentado também uma visão sobre o discurso da linguagem não verbal, que muitas vezes é utilizadas de forma criativa atribuindo sentidos junto ao texto, mas não só nesse quesito, também é usado de forma a deixar a notícia mais tendenciosa, levando o uso da imagem a deixar conteúdos e sentidos por traz. O último capítulo é a análise do discurso das matérias da Carta Capital e Veja.

1 PRIMEIRA TENTATIVA DA REFORMA AGRÁRIA

A história de luta por terra existe há muito tempo, desde que grandes quantidades de terra possuíam a reis. Com isso, os pequenos agricultores começaram a tentar exigir seus direitos. Segundo Morissawa (2001), há mais ou menos 2.800 anos surgia uma primeira tentativa de reforma agrária, com os grandes proprietários de terras, governadas por reis, e a sociedade controlada pelo proletariado. Os pequenos agricultores e artesãos, os quais não tinham vez no poder, tinham como saída ir à luta em busca de direitos.

No Brasil encontra-se a maior concentração de terra e também o mais extenso latifúndio. Essa forma de ocupação de terra resultou na desigualdade social que atinge o Brasil até os dias de hoje. Muitas pessoas ainda lutam para conseguir terra e, por fim, destiná-la à produção. Uma crítica que a reforma agrária prega são as terras nas mãos de quem não produz. De acordo com Morissawa (2001), há 2.200 anos, quando o Império Romano estava em plena ascensão:

Os camponeses estavam sendo massivamente convocados para a guerra entre os povos e tinham de deixar suas pequenas propriedades abandonadas durante anos. Quando voltavam, sem nada, as maiorias deles não tinham outra coisa a fazer senão entregar sua terrinha aos grandes proprietários. (MORISSWA, 2001, p. 12)

Ainda segundo o autor, é a partir desse momento que surge a grande concentração de terra na mão dos poderosos. A única opção seria viver em Roma, o que hoje em dia chamamos de êxodo rural, que é a migração dos moradores à procura de melhoria, buscando lugares de melhor sustentabilidade, e essa transferência pode ocorrer da área rural para urbana.

Fernandes (2000) ressalta que as lutas camponesas sempre estiveram presentes na história no Brasil. O movimento era formado por posseiros, atingidos por barragens, migrantes, meeiros, parceiros, pequenos agricultores. Eram pessoas que buscavam terra para produzir, trabalhadores rurais sem terra, que estavam desprovidos do seu direito de produzir alimentos. (MST, 2017a)

Assim, esses produtores começavam a formar o movimento, também conhecido como campesinato brasileiro, para o qual eram obrigados a migrar constantemente. A ocupação da terra pelos camponeses sem-terra era e é até hoje

a principal forma de ter acesso à terra. Essas pessoas lutam pela reforma que promoveria a divisão mais justa de terras, uma vez que as terras não seriam poder dos ricos e grandes empresários, mas também dos pequenos agricultores que destinariam a terra para produção e a partir disso gerar renda.

As lutas pela terra começaram por volta de 1888, entre a abolição da escravatura e o golpe militar - A guerra do Contestado e Canudos - um marco na luta por terra, referência para a atualidade. De acordo com Mello (2009, esses movimentos “configuraram-se em experiências fundamentais para a consolidação dos movimentos sociais camponeses recentes”.

1.1 Quando começou o Movimento dos Sem Terra

Em 1984 surgiu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Fundado por agricultores em busca de democracia, o movimento começou a se organizar por todo o país, todos com o mesmo propósito: a luta pela terra e reforma agrária. (MST, 2017b). O movimento buscava três objetivos centrais: luta democracia no país, luta pela terra e a luta pela reforma agrária.

Os movimentos sociais progressistas atuam segundo uma agenda emancipatória, realizam diagnósticos sobre a realidade social e constroem propostas. Atuando em redes, articulando ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. (GOHN, 2003, p. 14).

Por volta dos anos 90, os movimentos rurais ganham mais visibilidade e importância política que os movimentos sociais urbanos. Na mesma década, aumentava gradativamente o número de moradores de rua, e políticas públicas começaram a ser criadas para melhoria desse segmento. Muitos desses moradores em situação de rua engajaram-se no MST para participarem de seus acampamentos e ocupação de terra.

Nos documentos publicados entre 1979 e 1984, as atenções do movimento encontravam-se totalmente voltadas para a definição dos princípios políticos e dos objetivos mais imediatos para a realização da luta direta por reforma agrária (MELO, 2003, p. 114). O movimento tinha pressa em adquirir terras para assentar os trabalhadores rurais. Além disso, incluir essas pessoas na sociedade, de modo a contribuir com a agricultura e gerar o próprio sustento.

No governo de João Goulart (Jango), iniciou-se a luta pela sindicalização rural, em 1962. Nessa época, já existiam alguns sindicatos e foi fundada oficialmente a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) já em 1963. Segundo o MST (1985/2017), aconteceu em janeiro de 1985, após encontros do movimento, o primeiro Congresso Nacional. Nele foram firmados os princípios do movimento, a luta pela terra, pela reforma agrária e pelo socialismo.

Esse congresso foi um marco para o MST, daí em diante o congresso acontece de cinco em cinco anos, relativamente. A conclusão foi que eles teriam que partir para a ocupação de terra, para que assim houvesse mais mobilização por parte dos militantes do movimento e todos estados começaram a fazer sua parte na luta por terra. “Ocupação é a única solução” e “Terra para quem nela trabalha” foram os lemas criados para acompanhar essa luta. Em 1985, foi ano de eleições. Para o movimento havia possibilidades de uma reforma agrária, pois todos os partidos citavam-na em seus programas de governo Reforma Agrária.

O Plano Nacional da Reforma Agrária (PNRA) de 1985 previa dar aplicação rápida ao Estatuto da Terra e assentar 1,4 milhão de famílias. O plano, porém, fracassou. Os interesses do latifúndio estavam sobre o poder do estado, e suas melhores ferramentas seria repressão ou omissão (MST, 2017c).

Para garantir a desapropriação de terra que não cumpram sua função social, foi criada, em 1988, uma lei na constituição. A lei cobrava o aproveitamento racional e adequado, utilização dos recursos naturais e preservação do meio ambiente, cumprimento das disposições que regulam as relações de trabalho e o bem-estar dos proprietários e trabalhadores.

1.2 Projeto de escola itinerante do MST

Com o objetivo de educar e levar conhecimentos aos assentados, o MST deu início ao projeto de escola itinerantes, que acompanhavam por onde o acampamento chegava. Em 2000, o MST contava com 1500 escolas públicas em seus assentamentos, 150 mil crianças matriculadas de 1ª a 4ª série, com cerca de 3.500 professores pagos pelos municípios (MORISSAWA, 2001). Essas escolas buscavam levar conhecimento aos assentados, investindo em conhecimentos da

área rural. Quatro universidades brasileiras desenvolvem cursos de pedagogia e magistério para formar professores de assentamentos. O projeto também incluía a educação infantil, e dessa forma garantia o acesso à educação, tanto às crianças como aos que ainda não haviam tido contato com a educação.

A educação tornou-se prioridade no movimento quando surgiu a necessidade de lidar com os assuntos práticos, como entender a conjuntura política, econômica e social.

Durante os primeiros anos de luta, os Sem Terra reunidos sob a bandeira do MST tinham como prioridade a conquista da terra. Mas eles logo compreenderam que isso não era o bastante. Se a terra representava a possibilidade de trabalhar, produzir e viver dignamente, faltava-lhes um instrumento fundamento para comunidade de luta. (MST, 2017d).

Segundo a Coordenação Nacional do Setor de Educação do MST (CAMINI, 1998), além das crianças, os adultos do acampamento também sentiam a necessidade de educação. Quando tinham que assinar documentos, muitos não sabiam escrever o próprio nome. Com isto, além de serem excluídos da terra, também eram excluídos de alguns saberes importante a formação. A partir daí, começaram a ser realizadas para a educação de adultos.

As aulas aconteciam nos mais variados locais, desde o meio da rua, quadras de futebol ao ar livre, os pavilhões dos parques de exposição, os colchões que eram camas, debaixo de árvores e em salões de paróquias. As mesas eram os chãos frios e os cadernos no chão, porém a vontade de aprender era imensa (Coleção Fazendo Escola). As crianças seguiam com os pais as mudanças de acampamentos e se adequavam aos métodos que a escola usava para educá-los.

A escola itinerante (Coordenação Nacional do Setor de Educação) proporciona ao aluno oportunidades para construir-se, como ser capaz de compreender e interpretar o processo histórico, comparando e analisando, interpretando e transformando a realidade, sendo a escola um espaço de aprendizagem e exercício de cidade.

Hoje a prioridade do MST não é só o direito à terra, mas à educação. Nesses anos de projeto, já são mais de 50 mil adultos alfabetizados, 2 mil estudos em cursos técnicos e superiores e 100 cursos de graduação em parceria com

universidades públicas (MST, 2017d). Esses números refletem os resultados do projeto, e é positivo que esse projeto fortalece o movimento.

1.3 Escola Nacional Florestan Fernandes

A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) foi fundada em 2005, no interior de São Paulo, fruto do trabalho voluntário dos sem terras e simpatizantes. A escola foi criada com a missão de educar os militantes do MST e com a intenção de criar um mundo mais junto, fazendo com que a reforma agrária e educação tenham de estar juntas. Os recursos para a sua manutenção e funcionamento são obtidos por meio de financiamento de projetos nacionais e internacionais, por doações de organizações e movimentos sociais (ENFF, 2017e).

A ENFF tem convênio com 15 escolas de formação em outros países. Mais de 24 mil pessoas já participaram de algum programa, dentre cursos e especializações, da ENFF. A escola possui cerca de 500 professores voluntários e foi criada com o objetivo de formação de integrantes do MST. A escola defende a importância do direito à educação e à reforma agrária.

De acordo com Biondi (2006, p.16):

Os cursos da escola vão dos livres aos de pós-graduação, passando pelos de graduação e especialização. As parcerias que viabilizam cada um deles são várias, contemplando desde financiamentos oriundos do Ministério do Desenvolvimento Agrário até convênios com instituições de ensino médio e superior, que garantem a certificação das autoridades educacionais. A exceção são os cursos livres, elaborados e aprovados no âmbito da escola.

A criação da Escola Nacional Florestan Fernandes consolida um novo momento do MST, que na década de 1990 passou a lutar não apenas pelo direito à terra, mas também por direito à educação para os trabalhadores que vivem nas áreas rurais (BIONDI, 2006, p. 21). Os cursos oferecidos são específicos para o interesse dos alunos que são trabalhadores do campo, pois a escola busca oferecer cursos de interesse rural e movimentos sociais.

1.4 Mulheres na luta por representatividade na reforma agrária

Em 1986, as mulheres trabalhadoras rurais assentadas no MST denunciaram falhas na busca de superação de antigos preconceitos que impedem a conquistar as relações igualitárias - mesmo nas áreas influenciadas pelo movimento (MELO, 2003, p. 120). Essas mulheres queriam mais visibilidade e reconhecimento na luta do movimento, além de participar de questões sindicais e ter a oportunidade de comandar a liderança do movimento.

Segundo Mello (2003), em busca de melhoria nessa desigualdade de gênero existente no movimento, essas mulheres buscaram formular alternativas que poderiam mudar esse problema. O primeiro passo foi criar uma resolução dividida em oito artigos, desde o apoio dos homens na participação das mulheres na luta até o reconhecimento de não ser retratada como “doméstica” ou “do lar, mas como trabalhadoras rurais. O pedido de mais reconhecimento no movimento reforçava as restrições que as mulheres enfrentavam no acampamento.

Segundo Conde e Ribeiro (2012, p. 1):

Inserir as mulheres nas estruturas de poder do MST era um grande passo a se dar e, neste sentido promover uma grande transformação nas relações de gênero dentro do movimento, algo que não ficaria somente recluso ao movimento dos sem terra, mas que teria sua influência nos demais movimentos sociais rurais nacionais.

Historicamente a mulher do campo tem o papel restrito aos afazeres domésticos, enquanto o homem tem mútua responsabilidade aos afazeres que necessitam de mais força, o que torna a imagem da mulher pomenorizada em relação a outras obrigações que são ligadas ao homem. Essa desigualdade de gênero é uma questão que precisou ser trabalhada nos assentamentos, da mesma forma que precisa até hoje ser tema de debate, sobre a participação da mulher na sociedade.

O paradigma de que a mulher é dona de casa, única pessoa que deve cuidar dos filhos e da casa, é, muitas vezes, aos olhos machistas, uma barreira para que ela possa participar ativamente da luta (CONDE; RIBEIRO, 2012). Essa visão da mulher era comum nos assentamentos, uma vez que a imagem do homem remetia à força e poder, até que surgiu a necessidade de mudança e veio a inserção da

mulher no movimento, ainda que encontre dificuldade nesse processo da igualdade na relação.

Em cartilha do Coletivo Nacional de Mulheres do MST, é destacado que as mulheres lutam, porém falta a representatividade e o trabalho realizado por elas é considerado secundário. No geral, a literatura tem enfatizado que os assentamentos rurais são produtos de conflitos em torno da posse da terra, pressões dos trabalhadores e de suas organizações pelo direito ao seu uso pleno.

Para Medeiros (2008, p. 10):

[...] a ênfase na dimensão conflitiva da criação dos assentamentos acaba por, contraditoriamente, silenciar alguns de seus atores e as diferentes perspectivas com que se engajam nas lutas. É o caso da presença das mulheres, muitas vezes somente evidenciada quando elas ganham destaque como lideranças.

A questão de inserir a mulher no movimento está relacionada com questões políticas, organização produtiva, e não somente a questões de gênero, conforme pesquisas sobre assentamentos. Se elas parecem estar suspensas em momentos críticos, relações de poder anteriores se reavivam e se refazem na volta ao cotidiano (MEDEIROS, 2008).

As famílias assentadas, além de lutar pela terra devem lutar pela sobrevivência nos assentamentos. Para Medeiros (2008) o envolvimento no movimento sem-terra compromete a família, no que diz respeito à estabilidade relativa do que se ganha, muitas vezes em processo de diluição em razão das migrações sucessivas impostas pela necessidade de garantir a sobrevivência.

Os assentados rurais, de acordo com Melo e Di Sabbato (2008), abrangeram 5.341 pessoas. Fazendo um recorte por sexo desta população, 42,2% eram mulheres e 57,8% eram homens. Esses números reforçam a concentração maior dos homens no movimento, o que pode provocar a inferiorização do gênero feminino.

Nos assentamentos o perfil do homem é moldado como o chefe e superioridade. Com isso, as mulheres ficam somente por conta da casa e dos cuidados com os filhos, dificultando a participação ativa no movimento. Segundo Medeiros (2008) é reiterado em todos os artigos que a produção agropecuária nos

assentamentos está organizada por meio do trabalho da família e que o homem, na qualidade de responsável pelo lote e como marido, apresenta-se como o “chefe”.

Atualmente, o gênero feminino é bastante presente nos movimentos sociais. O MST começou a introduzir a mulher depois de queixas que elas também precisavam mostrar sua força e liberdade de expressão no movimento. Hoje em dia o movimento trabalha questões de igualdade, feminismo e leva discussões aos integrantes.

1.5 O MST na atualidade

No governo de Fernando Henrique Cardoso, em 1995, houve o aumento do êxodo rural, além disso, o Brasil testemunhou os dois maiores massacres da segunda metade do século 20: Corumbiara (1995), em Rondônia, e Eldorado dos Carajás (1996), no Pará. Nesse mesmo período, conforme conta o site do movimento, foram criadas duas medidas provisórias persecutórias para quem ocupava terras, e foi implantado o Banco da Terra, uma política de crédito para compra de terras e criação de assentamentos em detrimento das desapropriações.

Por volta de 1990, cresce a crítica sobre o modelo de agricultura industrial capitalista, daí em diante o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra passou a intitular-se como movimento camponês, filiando-se à Via Campesiana, organização que congrega trabalhadores rurais de várias partes do mundo, e o MST começou a contribuir ativamente nas ações que essa organização realizava no Brasil (MARQUES, 2000).

Em 2000, já somava 16 anos de movimento, o MST já se encontrava presente em 23 estados do Brasil. O movimento contava com 1,5 milhão de pessoas, 350 mil famílias assentadas e 100 mil vivendo em acampamentos. A aquisição de terra por estrangeiros e a exploração de terra foram fatores que prejudicaram a Reforma Agrária do governo do presidente Lula nesse mesmo ano.

Atualmente, o movimento Sem Terra se intitula com um movimento popular, isso devido à força que o movimento precisa mostrar para não ser considerado como problema mas como uma necessidade. Com isso, o MST está desenvolvendo um novo modelo de forma agrária, que prioriza a sustentabilidade.

De acordo com o MST (2017e):

Uma Reforma Agrária que deve começar com a democratização da propriedade da terra, mas que organize a produção de forma diferente. Priorizando a produção de alimentos saudáveis para o mercado interno, combinada com um modelo econômico que distribua renda e respeite o meio ambiente.

A intenção é combater o êxodo rural, garantir qualidade de vida aos trabalhadores rural, fixando-as no meio rural. Moradia digna e emprego para a juventude. O movimento continua a luta pela melhoria e qualidade vida dos que necessitam.

2 DISCURSO E REPRESENTAÇÃO

A análise do discurso é um objeto de estudo que tem como base a linguagem, seu objetivo é identificar as marcas discursivas de um determinado texto, por meio da língua e aspectos que envolvem quem o escreve. O discurso apresenta de forma cultural e sociopolítica a versão, de modo sutil, que o autor quis passar, além de construir ideologias que são diretamente ligadas ao contexto social e geográfico do autor. A análise do discurso é construída não somente pelo texto, mas pelas imagens, linguagem não verbal, que ajudam a construir o sentido. Com isso, a significação do texto também é formada através de sua exterioridade, precisando saber o que envolve o fato.

Segundo Fiorin:

Do ponto de vista da estruturação linguística, o discurso é um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos, pertencente à ordem da imanência, ou seja, ao plano do conteúdo; é a atualização de virtualidades da língua e do universo do discurso. O texto também é um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos, mas é do domínio da manifestação, isto é, do plano de expressão; é a realização do discurso. (FIORIN, 2012, p. 154).

O cenário – social e político - acerca do texto ajuda a entender o discurso, visto que não é capaz só pelo texto em si, precisa-se saber de sua exterioridade. Às vezes os textos, de jornal, por exemplo, precisam de outros textos já publicados para compor tal sentido. Os recursos de persuasão são usados como forma de reforçar a verdade, além do detalhamento das informações e imagens que são usadas para não deixar espaço à refutação.

Para Brandão (2012), o discurso divide-se em três conceitos, que o definem: 1) sustenta-se sobre a gramática da língua e sobre seus aspectos extralinguísticos que condicionam sua produção; 2) Diz respeito a enunciados concretos, a falas/escritas realmente produzidas e o trabalho no nível discursivo tem como objetivo não a frase em si, mas os significados que estão empregados nas entrelinhas e 3) O falante/ouvinte, escritor/leitor deve ter conhecimentos linguísticos e dominar a língua. Isto é, ter conhecimentos extralinguísticos necessários para produzir discursos adequados aos diferentes contextos de comunicação.

A análise do discurso exige que o leitor tenha um conhecimento linguístico e também extralinguístico, saberes que são adquiridos no cotidiano, pela escolarização e estudos ao longo da vida (BRANDÃO, 2012). A formação discursiva e ideológica são conceitos que formam a análise do discurso, ajuda com que o leitor receba a informação e o discurso de forma mais clara.

De acordo com Brandão (2006), a língua é usada como manifestação, em que conceitos culturais de determinada sociedade são explicitados:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social, ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. (BRANDÃO, 2006, p. 11).

Esse tipo de estudo é muito importante, uma vez que é o ponto entre os processos ideológicos e fenômenos linguísticos de quem o escreve, formando assim o discurso. A análise do discurso possibilita o entendimento mais a fundo, uma vez que a linguagem não é só a língua em si, mas as relações ideológicas ao redor do contexto estudado. Esse tipo de estudo detalhado sobre o texto é bastante usado em estudos referentes a notícias e capas jornalísticas, devido a esses conteúdos terem significados nas suas entrelinhas.

É importante destacar que a linguística não seria afetada por exigências em direção à "Semântica" se ela já tivesse encontrado de algum modo, com essas questões... no seu interior (PÊCHEU, 1995, p. 88). Ainda segundo o precursor da análise do discurso, a linguística tem muito a ver com a formação social e os fenômenos linguísticos remetem-se à "explicação e determinação" e "situação e propriedade". Esses mecanismos pertencem ao sistema linguístico, ao funcionamento da língua em si.

[...] o sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir que, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo discurso: a língua se apresenta, assim, como base comum de processos discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que, como mostramos mais acima, os processos ideológicos simulam os processos científicos. (PÊCHEU, 1995, p. 91).

A língua é feita para a sociedade como um todo, e é entendida de indivíduo para indivíduo, conforme sua formação ideológica e de escolarização, que é construída ao longo da vida. Alguns textos podem ser entendidos de forma mais clara a determinado grupo da sociedade e não a outros grupos. Isso ocorre devido à cultura de cada um, aos conceitos e técnicas que cada indivíduo teve acesso. A linguagem é um meio de comunicação simples ao homem, mas, como dito acima, restrito a entendimentos e conceitos adquiridos de pessoa para pessoa.

A análise do discurso é o estudo dos significados dentro de um texto. A partir de sua transparência e estudo, é capaz notar o sentido das palavras usadas. Fazer análise de texto é estudar a linguagem usada e, de acordo com suas ideologias, explorar discursos políticos e comuns no geral. Portanto, é importante ressaltar que o discurso não é neutro, carrega as culturas e ideologias de quem o escreve.

Para Orlandi (2003), o discurso não se trata apenas de uma transmissão de informações, mas uma complexa constituição de sujeitos e produção de sentidos. Além disso, a linguagem é usada como forma de comunicação e se torna uma troca de sentidos entre locutores.

O discurso provém das entrelinhas do texto, esse que forma opiniões e práticas sociais. Essa mesma ferramenta tem o poder, se é que podemos dizer assim, de desconstruir, por meio de novos discursos, práticas sociais. Ao longo da história, o discurso que é utilizado forma uma autentica, de modo a reproduzir e fazer que ele seja usado e tomado como verdade. O poder que citei acima está aqui, refere-se à forma com que esse discurso é usado pode mudar a relação entre o discurso e a sociedade, podendo também mudar como a sociedade vê as coisas.

Assim como na teoria do agendamento, criada pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw, defende que a opinião pública é pautada pelo que a grande mídia noticia. Os veículos de comunicação divulgam as informações e, a partir disso, o público tende a dar mais importância aos conteúdos que são mais informados pela mídia, formando opinião sobre os mais diversos assuntos que são noticiados. Por isso, essa teoria ressalta que a mídia decide o que o público deve pensar, além de pautar os assuntos que o público discute.

A sociedade e o discurso são como uma influência recíproca, conforme a importância que cada pessoa tem no discurso das crenças e conhecimentos no geral, na construção de personalidades e como se relacionam entre si. Assim como a linguagem, são determinadas por nossa identidade, conhecimento e cultura (DELLAGNELO; MEURER, 2008). São pequenos atos, falas e frases, e, também, nossos discursos que são emitidos, que demonstram a formação e estruturas sociais em que vivemos.

Para Bakhtin (1992) a língua só requer o locutor - apenas o locutor - e o objeto de seu discurso, e se, com isso, ela também pode servir de meio de comunicação, esta é apenas uma função acessória, que não toca à sua essência. E é a partir dessa criatividade da utilização da linguagem que o autor se expressa, usando a comunicação verbal como instrumento de disseminar conhecimento e informações.

2.1 Práticas do Discurso e Comunicação

O estudo da análise do discurso é essencial para obter uma visão mais ampla sobre determinados assuntos, visto que é possível compreender mais a fundo quais ideologias formam o texto, além dos seus significados discursivos e detalhes. Muito comum hoje em dia são os estudos de análise sobre os textos jornalísticos publicados em revistas de grande circulação, tendo como base o discurso ali posto, não apenas o texto, mas a linguagem não verbal que acompanha esses conteúdos, ajudando o autor a formar a ideia que se deseja passar.

Esses conteúdos, em determinadas reportagens, por exemplo, podem criminalizar e influenciar os movimentos sociais, uma vez que esses assuntos repercutem e envolvem muitas questões políticas, levando o autor do texto a introduzir sua opinião. Esse discurso, que envolve poderes nas entrelinhas, pode levar os leitores a tomar tal posição como verdade. E esse é o grande propósito desta presente pesquisa: analisar o discurso das revistas sobre os movimentos sociais, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Algumas notícias ganham mais espaço que outras, dando maior visibilidade em relação a outros assuntos que também são importantes. A mídia é um grande

espaço onde as informações são disseminadas e é a partir daí que os discursos são formados, e por meio desse canal ganha notoriedade a população.

Como já dito anteriormente, o discurso tem o poder formar opiniões, e também de desconstruir conceitos. Dellagnelo e Meurer (2008) estudaram sobre a Análise Crítica do Discurso, e afirma: “O objetivo primeiro da Análise Crítica do Discurso (ACD) é desconstruir, em diferentes manifestações discursivas, questões de dominação, opressão, manipulação, discriminação, abuso de poder, enfim questões que geram desigualdade social (DELLAGNELO; MEURER, 2008, p. 39-40).

A mídia divulga, todos os dias, conteúdos sobre diversos assuntos - TV, jornal, revistas e internet. Mas, pode-se notar, através de pequenas orações de qual lado o veículo apoia, deixando clara a linha editorial. Na comunicação, o discurso pode ser usado a seu favor, e isso é um ponto muito negativo, devido à articulação dos conteúdos que acaba não sendo passado de forma fiel ao leitor.

O discurso, no entanto, para fins de estudos em Análise do Discurso, ultrapassa essas noções de senso comum, tendo sua conceituação relacionada à, pelo menos, quatro dimensões da linguagem: a linguagem como sistema, conhecimento, comportamento e arte (DELLAGNELO; MEURER, 2008, p. 8). Esses elementos citados pelos autores são essenciais para a análise, visto que o texto se forma pela linguagem e todos os discursos precisam conter esses elementos, como já dito anteriormente, características formadas pela vivência e cultura de cada indivíduo.

Ainda segundo os autores, a língua é interpretada a partir de práticas, propósitos e estruturas sociais. O conceito de que o jornalista deve ser imparcial é prescindível, pois todo mundo carrega consigo opiniões e culturas, ninguém é isento de opiniões, a fim de redigir textos sem mostrar em que lado está. Sob esse ângulo, a linguagem e a sociedade em seus diferentes contextos são vistas como interdependentes: a linguagem depende do social ao mesmo tempo em que o constrói e o reproduz.

Dellagnelo e Meurer (2008) dão como exemplo o posicionamento da mulher na família, como é o discurso referente a isso entre as pessoas. Eles exemplificam o

caso com a seguinte questão: Quando o discurso parte das mães: “Meu marido é ótimo. Ele me ajuda muito com as crianças”, ou de pais, tais como “Minha mulher não pode reclamar de mim, pois a ajudado muito com as crianças”. Então, é partir desses discursos que temos a ideia que o cuidado dos filhos é de inteira obrigação materna, tendo o pai apenas como o ajudante, que significa ser uma pessoa auxiliar e um assistente. Podemos afirmar que esse é um discurso obsoleto e vem mudando conforme os avanços e o ingresso mais ativo da mulher na sociedade, deixando-a não só como mãe, mas também com outra imagem na sociedade.

Os autores ainda afirmam que podemos transformar esse tipo de prática por meio do discurso a partir do ponto que mudamos as construções linguísticas, por exemplo: “Meu marido e eu nos ajudamos muito na educação de nossos filhos” ou ainda “Meu marido é injusto quando se trata da educação dos nossos filhos, não porque não faz nada, mas porque se acha fantástico por dividir as responsabilidades comigo; como se isso fosse meu encargo”. Construções como estas mudam a forma de pensar e ver a mulher na sociedade e os discursos, segundo os autores, são capazes de mudar práticas sociais. Com isso, também mudar a percepção que os filhos têm ao decorrer da vida sobre a atribuição de pai e mãe na criação.

Discursos como esses citados acima acontecem muito no meio jornalístico, na publicação de conteúdos dos mais vários assuntos e dos veículos de comunicação. E, atualmente, são muito comuns estudos de análises de textos voltados a essa área. Esses discursos usados na comunicação, muitas vezes, tem um viés polêmico e apresentam classificações por funções de linguagem e por funções sociais (MAINGUENEAU, 2003).

Ainda segundo a autora citada, as categorias de funções de linguagem e funções sociais não são fáceis de traçar uma fronteira para que ele indique aquilo que faz com o enunciado. Então, oscilam-se como categorias muito abstratas, como “polêmicas”, prescritivas”, informativas”, que permeiam gêneros do discurso e categorias mais próximas aos setores de atividades, seja ele político, ético e estético.

A linguagem no jornalismo, que é o nosso principal foco, segue editoriais específicos e nestes são usadas expressões que dialogam com gêneros e setores específicos. Como exemplo de análise e questões de discurso, o Movimento dos

Trabalhadores Rurais Sem terra (MST) será objeto da análise do discurso no capítulo 3.

Em matéria publicada no jornal *online*, El País, sobre a ação policial ao entrar em uma escola de formação do MST, Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), na região metropolitana de São Paulo, pode-se notar que a ação policial ao entrar na instituição é muito severa. A intenção seria encontrar uma integrante do movimento com pedido de apreensão, portanto a pessoa não estaria no local. Como todo discurso tem lados opostos, que é quem realiza a ação e de quem sofre em nota publicada pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP), a afirmação é a seguinte:

“Os policiais ficaram encurralados num espaço do local e, sem que pudessem exercer outra maneira de se defenderem, tiveram que efetuar dois disparos de advertência ao alto, pois cerca de duzentas pessoas vieram em direção a esses policiais e, caso não tivessem agido daquela maneira, certamente seriam desarmados, linchados e quiçá mortos” (ROSSI, 2016f).

O discurso utilizado em nota da SSP mostra apenas a posição dos militares durante a ação, e como são usados elementos audiovisuais que ajudam a compor a cena, no qual são mostrados os policiais entrando pela janela da escola e atacando quem estava presente ali. A nota também ressalta a situação dos policiais após o acontecimento, que sofreram pequenas lesões. Essa investigação ocorreu após militantes do MST invadirem a Fazenda Dona Hilda, em Quedas do Iguaçu (PR), quando empregados da propriedade foram mantidos em cárcere privado por horas e sob a mira de armas de fogo (ROSSI, 2016).

É importante lembrar a trajetória do MST, como o movimento se impõe diante ao estado e como a mídia o representa. O modo de realizar essa luta é resistente, e tem uma forte natureza política, devido aos interesses de luta pela terra e igualdade social. E isso são alguns pontos que movem os discursos publicados nos veículos em relação ao movimento, tendo a ideologia e a história como pontos fundamentais para a formação do discurso.

Segundo Orlandi (2005), partindo da análise do discurso, o autor ao produzir um texto faz gestos de interpretação que prende o leitor na textualidade produzindo vários efeitos, isso conforme sua formação social.

2.2 Discurso e Linguagem não verbal

Quando se fala em análise do discurso em conteúdos jornalísticos, precisa-se falar também da linguagem não verbal, usada como complemento das informações. Esse tipo de linguagem e o texto andam de mãos dadas, uma vez que são usados para incorporar mais sentido e fidelidade à notícia. É sempre indicado colocar uma referência de relevância ao assunto. Essas imagens também fazem parte do discurso do texto, ajudando a formar opiniões e visibilidade sobre a história contada.

Diariamente, milhares de pessoas sentam-se diante da televisão – dispositivo que lhes dá acesso a informações sobre acontecimentos de sua região, de seu país e do mundo – consumindo imagens e informações advindas de um bombardeio midiático (BRAIGHI; SILVA, 2013, p. 178). É importante ressaltar que esse “bombardeio” de informações não é transmitido somente pela televisão, mas também pelos jornais impressos e, atualmente, pela internet.

As imagens ajudam a compor a ideia do texto, mas também podem ser usadas de forma mais expressiva. O que é muito comum hoje em dia são as capas de revista tendenciosas, aqueles que têm a intenção de desagradar alguém ou um partido político, comumente. Esse tipo de capa é bastante criticado e muito comum quando o assunto é polêmico, principalmente quando se trata de política.

Silva e Cabral (2015) concordam que as capas de revistas portam enunciados verbais e não verbais, portanto possuem informações impregnadas que sugerem e determinam como interpretá-las. Essas informações são produzidas a partir do sentido que o texto emprega, e o leitor interpreta conforme seus conhecimentos acerca do assunto. Muito comum revista como a *Veja*, por exemplo, utilizar a capa como crítica a algum fato.

Para Dondis (1997), a comunicação visual tem o objetivo, assim como o texto, de contar, expressar, explicar e afetar, além de se fazer presente na informação a ser disseminada:

Na comunicação visual, porém, o conteúdo nunca está dissociado da forma. Muda sutilmente de um meio para o outro e de um formato para o outro, adaptando-se às circunstâncias de cada um; vai desde o *desing* de um pôster, jornal ou qualquer outro formato impresso, com sua dependência

específica de palavras e símbolos, até uma foto, com suas típicas observações realistas dos dados ambientais [...] (DONDIS, 1997, p 131).

É importante lembrar que esses elementos de linguagens não verbais são usados a favor da notícia, mas podem ser a fim de dramatizar o assunto, e até mesmo ironizar, muito comum essa característica em fotos publicadas em jornais. A depender do assunto são escolhidas as imagens que não favorecem quem está ali, fotos que estão com a expressão estranha. Esse ponto “criativo” pode ser desfavorável ao jornalismo.

2.3 Linguagem não verbal no Jornalismo

Revistas disseminam a todo instante opiniões fortes sobre determinados assuntos, e com isso, desfavorece o jornalismo. Informações e capas tendenciosas chamam a atenção cada vez mais, uma vez que falta um pouco de imparcialidade no que diz respeito a assuntos de cunho político, que é o que move as editorias hoje em dia. Como objeto de estudo o MST, vamos usá-lo como exemplo, na capa da revista Veja publicado em 2000:

Figura 1 - Capa da revista Veja sobre o MST



Fonte: Blog do Paz (2013)

A revista intitulada como “A Tática da Baderna” foi publicada em 2000 pela Veja, com as cores e a bandeira do MST, e mostra a posição da revista contrária ao movimento social. O uso a palavra “tática” refere-se às estratégias usadas em

guerras e a palavra “baderna” descreve o movimento como confusão, algo extravagante. Então nota-se que a Veja tem um posicionamento contrário ao movimento.

Segundo Melo (2003) as matérias que ganham capa, ou até a primeira página, provoca maior impacto, e, também, maior influência. Essa é a repercussão que a notícia acima deve ter causado na época publicada, pelo assunto de relevância e o emprego de ideias usadas para transmitir a informação.

O subtítulo “O MST usa o pretexto da reforma agrária para pregar a revolução socialista”, utiliza a palavra “pretexto” que dá a entender que a real intenção do movimento fosse a distribuição de propriedades e riquezas, e a reforma agrária fosse apenas uma desculpa do MST para pregar que os bens devessem ser igualitários. A palavra “pregar” significa pronunciar algo, um sermão e também pregar palavra aos fiéis.

Sabemos que a capa de revista – aliás, os textos do campo midiático em geral – é um gênero que sofre influência de diversas forças, dentre as quais podemos destacar a editorial, a política e a publicitária (CABRAL; SILVA, 2015, p. 9). É por meio dessa conotação que esse tipo de conteúdo é de grande relevância e impacto ao movimento, uma vez que isso deixa uma marca negativa ao posicionamento e missão do MST, comparando-o com uma mixórdia.

A mídia tem grande influência no que se diz respeito ao pensamento do leitor, pois ajuda a formar a opinião, mas antes que isso aconteça, é preciso conhecer do que se trata e qual é o objetivo de tal assunto, no caso, o movimento. O cuidado que se deve ter é que a revista, acima utilizada, é repleta de concepções na construção da sua capa. Para melhor entender, segundo os autores, Cabral e Silva (2015), esse sentido da capa de revista é organizado com as mais variadas referências de conhecimento, desde o conhecimento do mundo a conhecimentos pessoais. Para interpretar melhor o texto, o leitor precisa ampliar os conhecimentos adquiridos para construir o sentido que é passado.

O contato com essas informações destacadas desempenha um papel decisivo na formação da visão de mundo que cotidianamente o cidadão obtém. Saber que determinados fatos acontecem e outros não, que determinados personagens atuaram na cena social em primeiro plano, que tais ou quais organizações figuram na linha de frente das novidades,

constitui referencial básico para moldar a atitude coletiva (MELO, 2003, p. 86)

Essas atitudes, acerca das publicações realizadas pelos veículos de comunicação, criminalizam o movimento social, por meio de discursos que assumem um papel de total contradição aos reais motivos pelos quais o movimento existe.

Leite, Dimenstein e Ximenes (2016), dizem que conforme as forças políticas vão se modificando, os setores dominantes, todas as mídias de comunicação, se posicionam e as repressões dos movimentos sociais do campo vão tomando aparência. Os movimentos sociais são essenciais na democratização de direitos. O MST carrega grande histórico em sua caminhada, desde 1984, e o seu principal ato é a ocupação de terras, tendo como base a divisão justa de terra e que as grandes terras sejam usadas a fim produção, e não ao latifúndio.

Os veículos de comunicação se posicionam a favor ou contra assuntos específicos, e não existe uma objetividade dos fatos, podemos ver nitidamente quem está do lado dos movimentos sociais e quem não está. A capa da revista Carta Capital, publicada em 2011, com o título “Reforma agrária, descanse em paz”, tem a representação de um cemitério que faz alusão à morte da reforma agrária.

Figura 2 - Capa da revista Carta Capital sobre a Reforma Agrária



Fonte: Revistaria RCZ (2011)

A capa traz a informação de que o movimento passava por um declínio no atual governo, que era o Partido dos Trabalhadores (PT). A “morte” do MST, da luta pela reforma agrária, aconteceria devido ao retrocesso dos programas sociais no presente mandato. Com isso, as informações são veiculadas diferentes em cada tipo de veículo de comunicação. Melo (2003) entende que cada notícia é abordada de um modo distinto:

Por mais objetiva que seja uma informação, no sentido de registrar fatos verdadeiros, reais, é obvio que a percepção dos fatos depende do prisma da observação. Toda notícia, portanto, é angulada. Pode conter informações fidedignas, comprovadas, mas essa informação aparecerá de modo diferente em diversos jornais (MELO, 2003, p. 89)

Percebe-se que a abordagem da Carta Capital é diferente da Veja, devido ao posicionamento da Carta ser favorável ao movimento, mostrando os motivos e o suposto retrocesso do MST devido ao atual momento político, que deixava a concentração de terra na mesma ditadura.

Há alto índice de ideologia na formação da linguagem não verbal usada no jornalismo, uma vez que esse tipo de linguagem é uma sincronia com a verbal. Cores, imagens, símbolos e fontes são características que devem ser levadas em consideração na análise, pois tudo que é colocado tem algum sentido. Esses pontos são de grande influência para que o leitor forme sua opinião sobre o assunto. A criminalização do MST pela mídia é real, onde a construção de sentido é cheia de ataques ao governo e ao modo de fazer o movimento. Assim os veículos de comunicação influenciam a formação de sentido para cada tipo de assunto.

3 A IMAGEM DO MST NO EDITORIAL DA CARTA CAPITAL E VEJA

Na busca por analisar conteúdos jornalísticos sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais, quais são as bases e conceitos que formam opinião pública sobre os trabalhadores do campo, e, em algumas vezes, até criminalizam o movimento social, esse estudo se apoiará na Análise do Discurso de matérias jornalísticas da Veja e Carta Capital. Essa escolha de revistas aconteceu pelo viés que cada uma aborda. As formas discursivas que os veículos se impõem dizem sobre sua opinião, e com isso deixa de lado questões como imparcialidade e objetividade. Não apenas isso, mas os fatos que envolvem o narrador dessa matéria, aquele que recebe a pauta e produz. Como ele introduz sua opinião e transmite a informação, questões essas que sofrem alteração nesse percurso, isso por que é imprescindível a informação, mesmo que jornalística, ser formada sem que a opinião seja introduzida. A análise discursiva será baseada em conteúdos publicados entre novembro de 2016 a julho de 2017, na Carta Capital Online e Veja Online, nos quais relatará as entrelinhas das notícias decorrentes dos MST.

3.1 Veja

Criada em 1968, por dois importantes jornalistas brasileiros: Victor Civita e Mino Carta, a Veja é muito presente em boa parte da leitura dos brasileiros, com média de circulação superior a um milhão de exemplares por semana, conforme dados do site Mundo Estranho, ou seja, é a revista com maior circulação no Brasil. A VEJA já passou por variados problemas em relação à censura e conteúdos tendenciosos. Um exemplo foi a exposição do cantor Cazuza, em 1989. Publicada pela Editora Abril, a revista aborda variados conteúdos do meio político e econômico.

3.2 Carta Capital

Criada em 1994, por um dos criadores da revista VEJA, Mino Carta, e mais três pessoas, Bob Fernandes, Nelson Letaif e Wagner Carelli, a revista, inicialmente, era editada mensalmente e, a partir de 2001, começou a ser editada semanalmente, com publicações de política, economia e cultura. A Carta busca a elaboração de

materiais mais sérios, tendo um viés político de esquerda, as matérias que serão aqui analisadas, sobre o MST, transparece a posição favorável ao movimento, mostra falhas do governo e manifesta sua atenção aos cidadãos e aos objetivos sociais.

3.3 As entrelinhas das reportagens da Carta Capital e Veja

O discurso utilizado na Carta Capital e na VEJA em matérias sobre o MST será a base desta análise; Como a mensagem é transmitida e como ela chega ao leitor. Devido à influência de quem escreve, apura e seleciona cada detalhe a ser colocado, desde os personagens até as mínimas palavras usadas, a notícia tem um peso no resultado final. Questões ideológicas, editorial do jornal, relações entre o conteúdo, cultura e o repórter influenciam diretamente na abordagem do assunto. A imparcialidade e a objetividade dos fatos é algo ainda difícil de ser encontrados nos jornais. Dessa forma, todo conteúdo jornalístico sofre alterações sobre as ideologias que cada jornal carrega em sua trajetória.

No dia 4 de novembro de 2016, a revista Carta Capital publicou em seu portal a notícia com o seguinte título: “Polícia invade escola do MST no interior de SP”. Já percebe-se que a autora usou como ênfase “escola do MST” que sofreu uma invasão da polícia. O uso da palavra “invade”, a qual matérias sobre o MST sofrem o uso desse vocábulo constantemente, dessa vez a invasão referiu-se a entrada dos policiais a uma escola do MST, Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). O título é o principal convite ao leitor, é o artefato que chama a atenção e desperta curiosidade. Nesse caso o repórter usou o termo “invade” e já assusta por ter sido em uma escola, ainda mais por ser a escola do MST.

O subtítulo dessa mesma matéria reforçou a conduta dos policiais: “Segundo a liderança Gilmar Mauro, policiais usaram armas de fogo e apresentaram no celular um mandado para a prisão de uma mulher”. A autora fortalece a ação dos policiais que poderia ter sido evitada por meio da fala de um integrante do grupo, destacando-o que usaram “arma de fogo”, algo perigoso a uma ação que pretendia encontrar apenas uma pessoa, e mostrou o mandado de prisão no celular, o que deveria ser apresentado fisicamente, formalmente. No decorrer da notícia, todas as

afirmações levam em consideração que os policiais não deveriam ter agido de tal forma, sempre priorizando o MST e ponderando a escola.

A Veja, no dia 26 de julho de 2017, publicou a notícia: “MST invade fazenda de Eike Batista em Minas Gerais”. O uso da palavra “invade” já é típico no contexto de notícias que se contrapõem ao movimento, e o significado relaciona-se com entrar com violência em um determinado espaço, algo que seja proibido, dominar algo, lugares que já tenham donos. Como ênfase é usado o nome do Eike Batista, homem importante o qual sofria uma “invasão” dos trabalhadores do campo em sua terra. O fato de a terra ser de um homem importante ganha um peso maior na mídia, pois Eike era o maior empresário do Brasil até ser preso em janeiro deste ano.

Nessas duas notícias apresentadas, é curioso o uso das palavras e colocações feitas pelos jornais. De um lado a polícia invade a escola do MST, do outro o MST invade a fazenda do Eike Batista. Esses discursos favorecem e desfavorecem ao mesmo tempo o movimento, dão sentidos diferentes ao MST. Todos esses discursos estão ligados às questões políticas, e ao posicionamento do jornal. Como sempre a Veja usa o verbo invadir, dando à notícia uma tonalidade em que os trabalhadores querem tomar à força as terras, uma ação violenta. A partir do uso do conceito “invadir”, usado pela Veja, ou “ocupar” usado pela Carta Capital, podemos saber a que rumos o texto irá tomar. Cada notícia acima apresenta um peso diferente. Por mais que a invasão dos policiais tenha gerado bastante comoção entre os ativistas e quem simpatiza com o MST, ainda assim a notícia sobre o Eike Batista ganha um peso maior na mídia por sua trajetória e historicidade. Com o uso de nomes importantes no título, a notícia ganha maior proporção, como é o caso do Eike. Sobre os termos invadir e ocupar, temos a seguinte afirmação:

Invadir significa um ato de força para tomar alguma coisa de alguém em proveito particular. Ocupar significa, simplesmente, preencher um espaço vazio, no caso em questão terras que não cumprem sua função social, e fazer função social, coletiva para aplicação de lei e a desapropriação. É, portanto, um ato legal perante a lei. (SANTANA; JESUS, 2012).

A Carta Capital, no lide desta mesma matéria, mais uma vez coloca que os policiais invadiram a escola. Desde o título, subtítulo e lide, as afirmações são as mesmas, ou seja, mostrar a operação que foi realizada para cumprir o mandado de prisão de uma suposta integrante do movimento. Como complemento do discurso, o

uso do audiovisual ajuda na intertextualidade do texto, descrevendo o momento da invasão, mostrando os policiais entrando armados. Nota-se que o objetivo, até então, é mostrar o quão errado foi a atitude dos policiais. Além dos elementos usados para formação do conteúdo, um dos personagens usados no texto da Carta Capital é líder no MST, em que apresenta versões da ação dos policiais.

Uma das lideranças do movimento, Gilmar Mauro estava no local no momento da chegada dos agentes. Segundo ele, dez viaturas da Polícia Civil chegaram à escola sem estarem acompanhadas de um oficial de Justiça. "Os policiais apresentaram em um celular um mandado de prisão de uma mulher, mas ela não se encontrava no local, era do Paraná." (Carta Capital, 2016).

Nesse parágrafo, a autora menciona que "10 viaturas da Polícia Civil" estiveram no momento e intensifica a ação policial que poderia ter sido realizada de outra forma. Com o uso da expressão "10 viaturas", dá a entender que os policiais exageraram, não precisava de tanto alarde para encontrar uma mulher que, depois de todo ocorrido, não estava no local. Mais falhas cometidas pela polícia também são destacadas no texto: "chegaram à escola sem estarem acompanhadas de um oficial de Justiça" e "apresentaram um mandado no celular". Expressões como essas foram usadas a fim de mostrar que o posicionamento policial não foi realizado de forma adequada, o qual deveria apresentar o mandado de prisão em um papel físico e não no celular, portanto esperava-se uma ação mais formal. Nota-se que tal atitude pode ter acontecido com tamanha proporção por ser uma escola do MST, movimento social que carrega extensa bagagem histórica e muitas pessoas ainda vão contra a ideologia dos trabalhadores.

Na matéria da Veja, são destacadas as terras em que os trabalhadores ocuparam e todas essas pertencem a algum ex-deputado envolvido em corrupção, dando a entender que essas ocupações realizadas pelo movimento são uma crítica ao atual governo e à corrupção, mas a Veja não destaca em seu texto que esses deputados que tiveram suas terras ocupadas foram acusados de corrupção, o que pode-se considerar uma omissão. A Carta Capital não ouviu algum policial que estava presente no momento da ação, o que poderia fortalecer ainda mais o texto, dando lugar aos dois lados. Foi usada, como fonte oficial, uma declaração da Secretária de Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP), afirmando que cerca de 200 pessoas que estavam no local tentaram desarmar os agentes. No texto

essa frase está entre aspas. E por meio dessa nota da SSP consta que os militantes deixaram quatro policiais feridos. Após essa afirmação, foi ouvido, mais uma vez, o líder do MST, que diz que tal versão é fantasiosa. As colocações inspiram-se nos fatos acontecidos e narrados pelos integrantes e voluntários da escola e sempre fecham com algum relato do MST.

No momento em que a Carta Capital fala sobre os donos das terras ocupadas, que são deputados, fala também sobre acusações e problemas em que estão envolvidos. A fim de reforçar as causas dos movimentos sociais e mostrar quem apoia o movimento dos trabalhadores, foram usados depoimentos de celebridades lamentando o acontecimento, e esse tipo de conteúdo reforça as pessoas importantes que estão do lado dos movimentos sociais, além de estabelecer parceria e apoiar as questões sociais.

Os integrantes do MST que são usados como personagens na matéria fortalecem o vínculo da notícia com o movimento, mostrando que a revista apoia os trabalhadores do campo. Mas, para que esses fatos relatados sejam a favor, precisa-se ter em mente qual o viés que é abordado na notícia, com as falas e os relatos expostos pelos trabalhadores rurais. A Veja, por exemplo, usa os personagens do MST e a todo momento declara sobre as “invasões”. Quando acontece esses tipos de termo, pode-se saber que a abordagem não apoiará o movimento. A Veja e a Carta Capital utilizam a abordagem, quanto aos personagens, muito distintas em ambas as matérias utilizadas na análise. Na Veja, os deputados que tiveram suas terras ocupadas são ouvidos:

“Maggi (PP) disse nesta quarta-feira que a propriedade invadida por sem-terras é produtiva, por isso não cabe qualquer pretensão de desapropriação para fins de reforma agrária. “É uma ação política, que tem dia para começar e dia para terminar” (VEJA, 2017).

O deputado afirma que a terra é produtiva e com isso não tem a intenção de destiná-la a reforma agrária. Ao ler as notícias de ambos os veículos, percebe-se que existe um filtro quanto às publicações. Na procura por notícias que falassem do mesmo assunto, não foi possível, pois, as favoráveis ao MST apareciam apenas na Carta Capital, já as notícias de ocupações a terras de pessoas com destaque na mídia, a Veja possuía esse tipo de conteúdo publicado. Por ser uma revista de

grande circulação na mídia, a Veja, tem o poder de formar opiniões sobre os temas que são abordados. Esse é o caso da Teoria do Agendamento, visto que existe uma manipulação da revista sobre a opinião pública com o que é publicado.

A Carta Capital publicou ao final de sua matéria uma nota do MST sobre a “Criminalização dos Movimentos Sociais”. Com esse ponto pode-se perceber que, no decorrer de todo conteúdo e apuração, a Carta Capital mostra prontidão em relatar os acontecimentos sobre a invasão dos policiais à Escola Florestan Fernandes. O compromisso em dar apoio à questão social é notório pela Carta Capital. É interessante que essa mesma notícia sobre a invasão policial não foi divulgada pela Veja.

3.3.1 Coluna de Augusto Nunes da Veja e um relato da Carta Capital

No dia 29 de julho de 2017, a Veja publicou a notícia sobre o MST na coluna do Augusto Nunes: “O selvagem ataque da tropa do MST a uma fazenda no Pará”. Começando a análise pelo título, já causa forte impacto devido às palavras empregadas, “selvagem”, “ataque”, “tropa”. Logo essas palavras remetem-se ao movimento como algo selvagem, animal e ignorante. A tropa que significa multidão, aglomeração, uma aglomeração selvagem, também é usada no título como forma de desmerecer o movimento. O “ataque do MST a uma fazenda no Pará”, ataque é outra palavra com grande impacto, o qual muitas vezes refere-se a algo violento, geralmente usado em notícias sobre ataque terrorista. O título dessa coluna tem um grande efeito e fortes denúncias sobre a ação dos militantes na ocupação da terra. Nas palavras usadas pelo colunista, é possível sentir raiva em seu discurso, quando em vários outros pontos do texto ele usa os termos “ataque”, “tropa” e até mesmo “escombros”, dando a pensar que aquilo era uma guerra.

A Carta Capital continua seguindo seu viés, com palavras e conceitos que demonstram sua humanização quanto aos acontecimentos envolvendo os casos do MST. No dia 25 de julho, a revista publicou uma notícia falando sobre a ocupação dos trabalhadores nas terras dos deputados envolvidos em corrupção, com o seguinte título: “MST pressiona e ocupa fazendas de Blairo Maggi e Ricardo Teixeira”. O termo “pressionar” significa coagir alguém, colocar alguém “contra a

parede” e o termo “ocupa” foi usado adequadamente, pois remete ao preenchimento de um lugar vazio e cabe ao contexto que o MST objetiva.

O título destaca nome de dois deputados no título, Blairo Maggi que é ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento no governo do atual, o qual foi acusado por formação de organização criminosa, e Ricardo Teixeira, que é ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e, recentemente, foi acusado de organização criminosa, na qual desviou milhões de euros da seleção brasileira e da CBF e com ordem de prisão enviada da Espanha ao Brasil. Esses nomes têm grande impacto na mídia, devido sua historicidade e reconhecimento, e também, os casos de corrupção em que estão envolvidos. Além de terem sido escolhidos para terem suas terras ocupadas pelos trabalhadores do campo, serviram nessa matéria como uma forma de crítica ao atual governo. E ao MST, a crítica refere-se ao grande número de terras sem produtividade. Muito diferente da primeira matéria da Veja analisada, a Carta Capital mostra quem são e em quais problemas estão envolvidos os deputados que tiveram terras ocupadas pelo MST.

“As cenas da sede em escombros e das máquinas destruídas atesta que os sem-terra só sabem semear violência” foi o subtítulo usado na coluna do Augusto Nunes da Veja. Mais uma vez os conceitos usados remetem a uma guerra, no qual fala-se em “cenas de escombros”, termo normalmente usado para se referir a cenas de guerras, ruínas e destroços. Essas palavras causam desconforto ao leitor, levando-o a uma imagem negativa do movimento. Junto ao texto, tem a apresentação de um vídeo, em que mostram o ato do MST. Com um narrador tendencioso, o vídeo ressalta que o único objetivo do autor é denegrir a imagem do movimento social. Nesse vídeo usado na coluna, foram relatados os acontecimentos após a ocupação dos trabalhadores, porém, não mostra nenhuma pessoa, apenas foi usada a versão policial, para dar mais fidelidade e coerência deveria ser visível a ato dos trabalhadores.

“Entidade pede a saída de Michel Temer e a convocação de eleições diretas. Propriedade do coronel João Baptista Lima, amigo do presidente, também foi ocupada” é o subtítulo usado pelo jornalista na Carta Capital. O termo “entidade” remete o MST a uma sociedade e instituição. E além de pedir a saída do atual presidente Michel Temer, pede as eleições diretas, isso dá ao texto um enfoque nos

pedidos no povo, e ao bem da sociedade, mostrando que o objetivo do MST como movimento social é a igualdade e a garantia de direitos à sociedade.

O jornalista expõe no texto o lema que os trabalhadores usam e afirmam que o movimento está fazendo uma série de ocupações, todas ligadas a deputados envolvidos em corrupção:

Com o lema "corruptos, devolvam nossas terras!", o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) anunciou na manhã da terça-feira 25 uma série de ocupações em propriedades rurais ligadas a personalidades e políticos implicados em investigações de corrupção. (Carta Capital, 2017).

É bastante controverso o uso das informações em ambas as notícias. A Carta Capital aprofunda nas informações, nas versões vindas do MST, e pondera sobre as ocupações que são feitas em terras de pessoas com problemas políticos, no caso destas, a corrupção. A análise discursiva da revista Veja é forte e traz grandes acusações sobre os militantes. Em um trecho da notícia diz que os militantes estão fantasiados de trabalhadores rurais, referindo-se que quem participa do movimento não é realmente um trabalhador do campo e sim interessados em terras, e esses só sabem semear a violência, brutalidade e a selvageria. Infelizmente, a imagem do MST sobre a mídia é bastante negativa, uma vez que matérias como essas ganham mais peso e resistência. A Veja é a revista com maior circulação nacional e a que tem o discurso desfavorável ao movimento.

A Carta Capital tem um número de circulação menor e com o discurso mais favorável ao MST, que no caso tem uma representação mais atípica. Em um parágrafo da notícia, destaca-se que o movimento luta pelo afastamento do presidente da república, e ressalta que este foi o primeiro presidente da república acusado de corrupção:

"O MST também se posiciona pelo afastamento imediato de Michel Temer da Presidência, primeiro presidente na história acusado formalmente de corrupção pela Procuradoria-Geral da República (PGR), bem como a convocação de eleições diretas para a escolha do próximo a ocupar a cadeira tirada de Dilma", diz a entidade. (CARTA CAPITAL, 2017).

Mais uma vez destaca-se o posicionamento do MST contra o atual governo, devido ao envolvimento do presidente com corrupção. Esse discurso usado pela repórter formaliza a opinião geral e causas pelas quais o MST esforça-se e resiste,

que são a luta pela democracia, direito dos trabalhadores rurais e reforma agrária, o qual o atual governo não está preocupado. A seguinte frase diz muito sobre o discurso do MST, e também da Carta Capital por tê-lo colocado ali: “convocação de eleições diretas para a escolha do próximo a ocupar a cadeira tirada de Dilma” as eleições diretas é a escolha de um novo presidente pela escolha do povo, o povo escolhe um novo governo e quem melhor o representará. Além de mostrar o lado o MST, o jornal, através do discurso utilizado, faz uma crítica ao atual governo, uma vez que inúmeros deputados e pessoas ligadas politicamente estão envolvidos em corrupção.

“Depois de uma intensa troca de tiros com um punhado de seguranças, o batalhão de vândalos usou veículos da propriedade para reduzir a escombros a sede, destruir máquinas agrícolas e incendiar outros equipamentos”. Esse trecho da coluna da Veja afirma sua posição contra o movimento mais uma vez. O uso da expressão “batalhão de vândalos”, para se referir aos integrantes do MST, trata o movimento como se quisessem estar ali apenas para causar destruição, palavra que significa uma pessoa destrói bens públicos ou valiosos. Essa palavra tem grande peso, e é muito comum quando a notícia refere-se a roubos ou destruição ao patrimônio público.

Na matéria da Carta Capital, foi publicado também um vídeo que intercalou ao texto informações sobre o MST. Um integrante do movimento fala sobre o motivo dos trabalhadores estarem ocupando fazendas de deputados, a razão disso é uma intervenção e uma crítica às corrupções cometidas por esses personagens no atual cenário político. A terra improdutiva, que não produz e não dá a quem necessita possibilidades e melhorias, são itens que os trabalhadores rurais também criticam. A repórter da Carta Capital no uso do seu discurso quer mostrar ao leitor a razão de luta do movimento dos sem-terra. Palavras comumente usadas em outros veículos como “invadir”, “manifestantes” e “baderna” são usadas de outra forma, dando ao contexto um significado diferente e positivo.

As escolhas dos personagens ajudam a formar o contexto da notícia, e, no caso do MST, ouvir a fala dos militantes é de grande importância, uma vez que é possível entender qual o motivo deles estarem ali. No caso da coluna publicada na Veja, em que são usados termos fortes, foi colocada a seguinte fala de um soldado

da polícia: “Chega a parecer que houve um tsunami na região, mas não foi. Foi um ato covarde, um ato de uma quadrilha composta por bandidos” (VEJA, 2017). Em todas as linhas desse texto são encontradas palavras que remetem o MST a um movimento de extrema covardia, cita os trabalhadores rurais como “quadrilha formada por bandidos”, o qual desvaloriza o movimento, referindo-o como se fossem criminosos. Nesse texto, o autor usa termos como invadir, dando sentido diferente e criminalizando o movimento.

Nesses textos estudados, pode-se ver que o peso de conceitos e termos usados em cada caso torna a notícia positiva ou negativa ao MST. O discurso de cada texto envolve características marcadas pelo autor, desde os aspectos de apuração e escolha de personagens. O autor da coluna da Veja expressou-se com as palavras mais fortes possíveis, levando o MST a decadência a partir de suas colocações. Esse tipo de conteúdo mostra também o posicionamento da revista, mesmo sendo publicado em uma coluna, uma vez que não houve imparcialidade em relatar a ocupação realizada pelos trabalhadores do campo. Em algumas partes do texto o autor refere-se ao movimento a uma organização criminosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da análise do discurso sobre as matérias publicadas nas revistas Carta Capital e Veja busca questionar as entrelinhas dos conteúdos publicados sobre o Movimento dos Sem Terra, com base nas ocupações e na entrada dos policiais na Escola Nacional Florestan Fernandes, e como os veículos de comunicação referem-se ao movimento, desde a apuração à escolha dos personagens.

A pesquisa permitiu, através da análise discursiva, refletir sobre como as matérias das revistas são cheias de ideologias e questões políticas envolvidas, assim dividindo os veículos de comunicação em esquerda, que são aqueles que apoiam os movimentos sociais, narram os fatos e dão voz positiva aos militantes. E de outro lado, a direita política, que julga o movimento desnecessário à sociedade, não dando voz aos integrantes do grupo e sobressaindo nomes importantes, como os de deputados.

Em uma análise geral dos conteúdos analisados sobre o movimento social na Veja, infelizmente, o discurso não é satisfatório, tendo uma postura de direita, no qual se usam palavras que remetem o movimento a uma “baderna”, “confusão” e com frequência, usam a palavra “invasão”, que se refere a algo errado, proibido, invadir algum espaço que não é seu. Já a Carta Capital, tem um discurso mais ameno ao movimento, na maioria das vezes, destaca o bem social, e, além disso, as falhas do estado. Os personagens usados pela Carta Capital, no caso os militantes do MST, têm uma participação maior nos conteúdos.

A necessidade de pesquisar sobre o tema proposto surgiu devido ao grande número de publicações que desmerecem a luta do MST, retratando-o na mídia como uma “quadrilha” e como grupo “selvagem”. Infelizmente, esse tipo de acusação causa ao movimento um impacto negativo, pois a grande mídia, no caso a Veja, por seu grande número de circulação, ajuda a compor a opinião pública através de seus discursos.

Assim espera-se que essa pesquisa contribua para a academia, reforçando a importância da análise do discurso sobre os temas estudados, e como esses

conteúdos formam opinião pública, além de destacar questões no jornalismo como a falta de imparcialidade nos meios de comunicação jornalísticos e quais são as causas desse problema.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fonte, 1992.
- BIONDI, Antonio. Escola Florestan Fernandes, marco na história do MST. *Revista Adusp*, São Paulo, v. 1, n. 36, p. 15-22, jan. 2006.
- BRANDÃO, Helena Negamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2004.
- CAMINI, Isabela (Org). *Escolas itinerantes em acampamentos do MST*. Porto Alegre: Peres, 1998.
- CONDE, Leandro Carlos Dias; RIBEIRO, Jéssika Martins. Gênero e reforma agrária: a luta das mulheres por igualdade no MST. In: SEMINÁRIO TRABALHO E GÊNERO, 4., 2012, Goiânia. *Anais...* Goiânia: UFG, 2012.
- DELLAGNELO, Adriana Kuerten; MEURER, J. L. *Análise do discurso*. 2008. 66 f. Monografia (graduação) Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- DONDIS, A. Dondis. *Sintaxe da linguagem verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SILVA, Maria Cecília Sousa. (Org). *Texto ou discurso?*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 145-165.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na atualidade: manifestações e categoria analíticas. In: GOHN, Maria da Glória (Org). *Movimentos sociais no início do século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 11-53.
- LEITE, Jader Ferreira; DIMENSTEIN, Magda; XIMENES, Verônica Moraes. Criminalização dos movimentos sociais do campo: algumas reflexões a partir do

- MST. In: HUR, Domenico Uhng; LACERDA, Fernando Júnior. (Org). *Psicologia, políticas e movimentos sociais*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 93-106.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MEDEIROS, Leonilde Servolo. Assentamentos rurais e gênero: tema de reflexão e pesquisa. In: LOPES, Adriana L.; BUTTO, Andrea (Org). *Mulheres na reforma agrária*. Brasília: MDA, 2008. p. 7-18.
- MELLO, Denise Mesquita. Subjetividade e gênero no MST: observações sobre documentos publicados entre 1979 e 2000. In: GOHN, Maria da Glória (Org). *Movimentos sociais no início do século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 113-141.
- MELLO, Hildete Pereira; DI SABBATO, Alberto. O Censo da Reforma Agrária de 1996 e 1997 em uma perspectiva de gênero. In: LOPES, Adriana L.; BUTTO, Andrea (Org). *Mulheres na reforma agrária*. Brasília: MDA, 2008. p. 39-80.
- MELLO, Maria Goés. *O discurso que vale*. 2009. 80 f. Monografia (Graduação) – Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2009.
- MELO, José Marques. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: discurso e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- SANTANA, Jobson; JESUS, Valdeck Almeida. *MST e a mídia: uma análise do discurso sobre o movimento do sem terra na mídia*. São Paulo: Livrus, 2012.

SILVA, Giani David; BRAIGHI, Antônio Augusto. Vinhetas: a representação frenética do mundo e a identidade visual discursiva dos telejornais. In: MENDES, Emilia; et al. (Org.). *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. P. 178-194.

SILVA, Lourdes Maria Oliveira Cardoso; CABRAL, Luís Rodolfo. *Construção de sentido: análise no gênero capa de revista*. 2015. 26 f. Monografia (Graduação) – Letras, Universidade Federal do Maranhão, Santa Inês, 2015.

SITE

BLOGDOPAZ. *Mídias*. Disponível em: <<https://www.blogdopaz.com.br/as-capas-da-veja-que-entraram-para-a-historia/>> Acesso em: 10 nov. 2017. Figura 1.

CARTA CAPITAL. *Política*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/mst-pressiona-e-ocupa-fazendas-de-blairo-maggi-e-ricardo-teixeira>>. Acesso em: 20 out.

CARTA CAPITAL. *Sociedade*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/policia-invade-escola-do-MST-no-interior-de-SP>>. Acesso em: 18 out.

EL PAÍS. *Brasil*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/04/politica/1478290183_809292.html>. Acesso em: 10 out. 2017f.

ENFF. *Construção*. Disponível em: <<http://amigosenff.org.br/pt-BR/a-escola/construcao>>. Acesso em: 19 set. 2017e.

MST. *Educação*. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/educacao/>>. Acesso em: 22 ago. 2017d.

MST. *Educação*. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/educacao/>>. Acesso em: 21 ago. 2017b.

MST. *Nossa História*. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/nossa-historia/84-86>>. Acesso em: 22 ago. 2017c.

MST. *Nossa História*. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 13 ago. 2017a.

REVISTARIACZS. *Revistas*. Disponível em: <<http://revistariaczshoplindoia.blogspot.com.br/2011/07/revista-carta-capital-03-de-agosto-de.html>> Acesso em: 10 nov. 2017. Figura 2.

VEJA. *Coluna*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/o-selvagem-ataque-da-tropa-do-mst-a-uma-fazenda-no-para/>> Acesso em 20 out. 2017.

VEJA. *Política*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/politica/mst-invade-fazenda-de-eike-batista-em-minas-gerais/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

MST. *Nossa história*. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/nossa-historia/>> Acesso em: 13 ago. 2017e.